

Essa consagração das diferenças hierárquicas entre os homens se encontra, com a mesma nitidez, nas religiões das diversas civilizações da antiguidade. Todas estas religiões se enquadram num rígido sistema hierárquico que abrange até o mundo dos Deuses. Sagrada é a dignidade do soberano egípcio, adorado como filho de Ra, o Deus Solar. Nunca, durante o decorrer de toda a história do Egito, se levanta a mínima dúvida a respeito dos direitos de soberania do Faraó ou de seus funcionários e tão pouco a respeito da legitimidade da riqueza. Um golpe de vista pela planta dum templo egípcio basta para nos confirmar o princípio hierárquico de toda a organização social: a multidão da plebe tem apenas acesso aos bosques sagrados e defronte ao portal do templo; pessoas de qualidade têm acesso aos vestibulos. Aos nobres de alta linhagem é permitida a entrada nas salas ornadas de colunas, ao passo que o santuário propriamente dito se abre somente aos sacerdotes e ao rei.

Heimdall, o Deus celeste nórdico-germânico, criou desde o começo os homens separados em classes — como servos, como homens livres ou como "Jarls" distintos. Assim, os germanos consideram a desigualdade das condições como sendo de origem divina e o próprio Criador é ao mesmo tempo o guardião da ordem hierárquica.

Por sua vez, os livros sagrados da Índia mencionam com desprezo esse rei Vena que, ao que parece, tentou suprimir as castas. "Quando tomou este propósito", rezam os livros, falando nele, "seu juízo estava enfraquecido. Pois somente a demência poderia rebelar-se contra a eterna lei da ordem sagrada."

\* \* \*

Eis como o cristianismo, quando considera as diferenças estabelecidas na terra pelo Destino como a expressão duma vontade divina, se mostra simplesmente fiel a uma ideologia cuja origem deve ser procurada no pensamento primitivo. Por outro lado, dá certo sentido e certa consagração à humildade que, nos povos primitivos e em outras culturas religiosas, significava mera submissão aos mandamentos duma potência demoníaca. Pois, na proporção em que a doutrina cristã humaniza o demônio num Deus onisciente e onipotente, na mesma proporção ela substitue a arbitrariedade pelo plano duma criação sistemática que ultrapassa os limites do mundo inferior.

Aquilo que, tomado isoladamente, por si só, como parte apenas, pareceria inútil, rude e injusto, torna-se oportunamente útil, uma vez que se relaciona com esse plano universal. O que antes parecia acaso, torna-se necessidade imperiosa. O que parecia temporal, toma um sentido eterno — não temporal.

Ao passo que a época anterior a Jesús Cristo desprezava classes inteiras como abaixo de qualquer apreço e as degradava ao papel de

meros instrumentos pertencentes a seu dono, no cristianismo, pelo contrário, a sorte de cada indivíduo passa a ser considerada como necessária ao plano universal e, assim, se reveste duma dignidade absolutamente nova.

Os insulares das Trobriand escalonam, submissos e apáticos, suas cabeças dentro duma pirâmide hierárquica sem que entre as cabeças de baixo e as de cima haja qualquer correlação judiciosa. Pelo contrário, conforme a concepção universal do catolicismo, tudo o que foi criado, desde a pedra inerte até o arcanjo, acha-se incorporado a uma grande hierarquia, que engloba o Cosmos inteiro e se escalona de esfera em esfera, entre as mais extremas profundezas das coisas terrestres e as mais puras alturas celestes. Lá, temos o quadro dos coros, dos anjos, dos "principados", das "dominações", dos "tronos", das "potências" e "fôrças" que, todos, se mantêm pairando cada vez mais próximos do "lumen gloriae", como Dionísio o Areopagita nô-lo descreveu com tanta magnificência. Nesta hierarquia da criação, cada categoria vital tem seu lugar e seu valor; cada indivíduo, por mais miserável e ínfimo que seja, tem uma importante missão a cumprir, está colocado no "lugar natural" que lhe compete e justamente os "que nos parecem ser os mais fracos", são, muitas vezes, de fato "os mais necessários ao bem da generalidade."

Em semelhante estrutura hierárquica, o homem reconhece mais nitidamente do que nunca sua solidariedade com todas as outras criaturas, a alma se sente "reconduzida do isolamento dos estados de consciência individuais para a universalidade das coisas." Essa grandiosa ordem universal, em que o homem se vê articulado, o faz sair do fortuito de seu destino isolado, liberta-o da estreiteza de sua existência individual para colocá-lo na esfera mais elevada das relações e dos valores divinos.

Essa perspectiva do além relativa ao Cosmos total determina a posição do cristianismo em face de todas as desigualdades provenientes da repartição das condições e dos bens terrenos.

É verdade que Santo Ambrósio, como depois dêle tantos revolucionários, já conclue que, conforme a Gênese, Deus primitivamente fêz surgir todos os frutos da terra "para que cada um se regozijasse com os alimentos comuns a todos". Com isso, porém, só pretende dizer que, pelas leis da natureza, o rico não tem um direito superior ao do pobre sobre os produtos do solo. Longe de reclamar o restabelecimento duma igualdade originária, Ambrósio encara a divisão em pobres e ricos tal como se formou pouco a pouco na vida da humanidade, como uma diferenciação dos deveres prevista no plano universal divino e apenas adverte os favorecidos pelos bens terrenos a que vejam na sua fortuna uma missão em lugar dum direito.

Reconhece expressamente que as riquezas vêm de Deus, que constituem uma dádiva da bondade divina e, porisso mesmo, estão ligadas